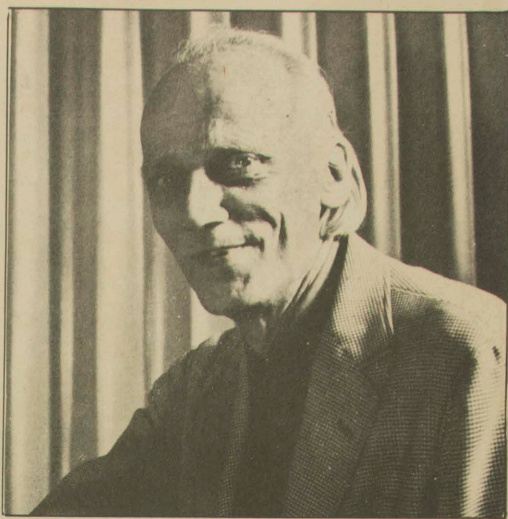


M.C. Escher



Seis pesquisadores da arte visual

Museu de Arte Contemporânea
de Campinas

Secretaria de Educação e Cultura

11 de julho a 24 de julho

CAMPINAS - S. Paulo - 1966

Alberto Aliberti
Heinz Zühn
Hermelindo Fiaminghi
Kazmer Fejer
Lothar Charoux
Sylvia Mara Gueller



Entre as entidades que se articulam ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo inclui-se agora o jovem Museu de Arte Contemporânea de Campinas. Esta exposição — "6 pesquisadores da arte visual" — exibida em abril-maio no Ibirapuera, abre o intercâmbio. Com problemáticas de forma e luz afins, os artistas projetaram e executaram as obras especialmente para a mostra, destinada a percorrer várias cidades brasileiras. Três deles (Charoux, Féjer e Fiaminghi) tomaram parte ativa no movimento "concreto" nacional. Kühn foi pintor abstracionista. Aliberti e Sylvia emergem de uma experiência mais direta de vez que o "op" (ou "responsive eye", "visual", "retinal", etc.) é mais particularmente um fenômeno de sua geração.

Com raízes teóricas em Fiedler, Marées e Hildebrand e plásticas em Cézanne e Seurat, o racionalismo moderno encontrou no construtivismo russo e holandês e no funcionalismo do Bauhaus as maiores expressões coletivas neste século. Inalterável em grandes personalidades, das quais várias desapareceram, essa arte que procura unicamente definir a aparência sensível da forma não pôde deixar de acompanhar um século que transforma rapidamente seus valores. Os artistas "visuais" são herdeiros do construtivismo mas sua atividade criativa busca maior integração com o plano da vivência concreta. Cor e linha tomam-se de outra vibração. No espaço as alternativas tendem a substituir a fixidez metafísica da sistematização. O calor das intuições atenua os cálculos frios da figuração geométrica. O expectador é mais diretamente envolvido. Pode ser chamado a intervir, a colaborar em objetos modificáveis. Materiais pré-fabricados e técnicas recentes são explorados a serviço de uma expressão que procura satisfazer exigências mais amplas da sensibilidade. Os atuais expositores podem exemplificar, a nosso ver, parte dos rumos dessa arte ramificada em muitos países. Féjer, afasta-se "da super-organização que não admite o elemento surpresa". Reconhecemos a qualidade das novas experiências deste artista profundo que continua a trabalhar ao longe das fronteiras. Suas pequenas estruturas em poliéster sobre acrílico — pequenos cubos coloridos, difusores de luz pela sua transparência e erguidos tensamente para o alto em planos entreabertos — fixam uma duração de fenômeno. Não vem ao caso saber como eram estas estruturas no seu estado anterior nem como poderiam ser uma fração de segundo mais tarde. Interessa o desmantelamento suspenso, um certo instante da instabilidade, um momento da desintegração que nossos olhos acompanham.

No desenho dinamizado ao se transformar em veio condutor de luz começa e acaba toda a argumentação de Charoux. Em relação a seus companheiros é o mais austero, o que menos se desprende das tradições da arte concreta. Por isso sua evolução é refletida digamos retrospectivamente, obrigando-o a um avanço mais lento e cauteloso. Indiferente aos novos meios materiais e técnicos, indiferente também às performances habilidosas, seu interesse está todo concentrado na verdade nua do traço e de sua vitalidade no espaço.

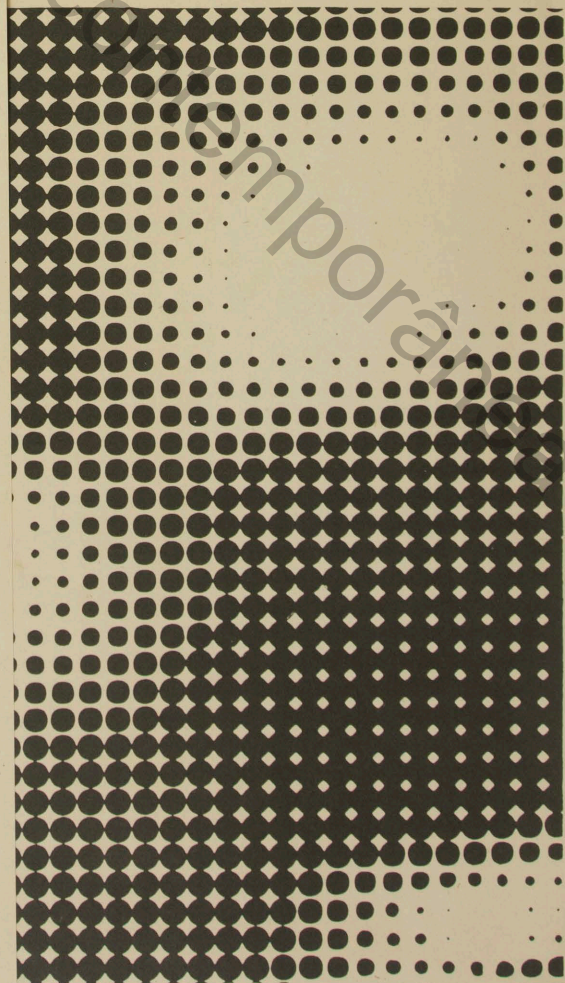
Fiaminghi, Kühn e Aliberti bem ao contrário buscam com resolução outras possibilidades práticas. Na obra do primeiro revela-se ao mesmo tempo que o estudioso da cor o "connaisseur" dos problemas gráficos: sua "pintura" resulta da combinação eliminatória de filmes reticulados e do controle sensível dos acasos ali produzidos. Gravados litograficamente e impressos pelo sistema "offset-tief" estas composições filmicas são intituladas "fusão e difusão da cor por incidência de luz", e oferecem imaginativas mutações visuais. Podemos antevê-las animando painéis de bem maiores proporções na paisagem urbana.

Kühn abandonou as superfícies lisas do óleo s/ tela e abriu caminho nas vastas latitudes do relêvo. Tonicado por um expressionismo inato seu abstracionismo transformou-se numa pesquisa de planos com vários enfoques sobressaindo-se as perfurações como elemento plástico decisivo pois elas por vezes quasi aniquilam a continuidade sólida fazendo dos vazios uma força especial densamente participativa. O "styropor", material docil, leve e poroso — permitiu-lhe esta experiência consolidada em dois anos de trabalho. Revestidos de epidermes pictóricas puras — o azul, o vermelho, o amarelo — esses planos aninham ou difundem tonalidades diversas conforme a incidência e o encaminamento da luz e conforme se desloca o olho do expectador. Acreditamos que os melhores relêvos de Kühn sustentam o confronto internacional.

Aliberti é o mais versátil de todos os expositores. Valendo-se de "ready-mades" — como por exemplo a telha "brasilite" (de cimento-amianto) procura valores rítmicos e luminísticos que transcendem o utilitarismo do material sem desrespeitá-lo. Seus recursos plásticos surpreenderam na mostra do MAC pela lucidez da inteligência e imaginação conjugadas que revelam. É um jovem seriamente empenhado em seus objetivos e de uma atualidade sensível e conceptual que o tornam uma nova e forte presença. Sylvia Mara Gueller, participante ainda mais jovem, vem se afirmando nos limites do desenho "visual". Temas geométricos e vibratórios cobrem literalmente o espaço construído com intuição. Suas imagens gráficas em nanquim casam-se a atmosferas brilhantes ou veladas do guache, expandindo-se ou concentrando-se com intimidade. A arte nos parece reunir muitas disponibilidades para explorar o tipo de instauração que se propõe.

Walter Zanini

Diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo



ALBERTO ALIBERTI

Alberto Aliberti nasceu em S. Paulo em 1935, onde reside. Estudou técnica de pintura e escultura com Joel M. Link (1960) e Kazmer Fejer (1962) tornando-se depois autodidata. Pertence à "Association Internationale des Arts Plastiques" (UNESCO) e à ACASC, "Associação Cultural e Artística de S. Caetano do Sul". É membro co-fundador e presidente executivo da Associação de Artes Visuais "Novas Tendências", desde 1963.

EXPOSIÇÕES:

12.º e 13.º Salões Paulistas de Arte Moderna, 3.ª Exposição de Arte Contemporânea de S. Caetano do Sul (1963), 1.º e 2.º Salões de Arte Moderna de S. Caetano do Sul (1964-5). Participou da exposição inaugural da Galeria "Novas Tendências" (1964-5). Participou da exposição inaugural da Galeria "Novas Tendências" (1963) e da exposição coletiva da mesma galeria (1964).

PRÊMIO:

Medalha de bronze no 12.º Salão Paulista de Arte Moderna.

Obras em coleções particulares.

RELAÇÃO DAS OBRAS

- 1 — Sem título, 1966 — P. V. C. modulado - 50,5 x 133,5
- 2 — Sem título, 1966 — Óleo e fita plástica s/ cimento amianto - 93 x 37
- 3 — Sem título, 1966 — Óleo s/ cimento amianto, aço inox., alumínio - 93 x 65
- 4 — Sem título, 1966 — Óleo s/ cimento amianto, aço inox. 33,5 x 109 x F. 20



HERMELINDO FIAMINGHI

Hermelindo Fiaminghi nasceu em S. Paulo em 1920, onde reside. Estudou desenho, artes gráficas e arquitetura no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo (1936-40), pintura e história da arte com Waldemar da Costa (1942-52). Integrou-se ao grupo concreto de São Paulo (1955), participou como membro do conselho diretor do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea (Galeria das "Fóllhas", 1958-9). Foi membro da Comissão Organizadora do 7.º Salão Paulista de Arte Moderna (1958) membro da Associação Internacional de Artes Plásticas e co-fundador da Associação de Artes Visuais Novas Tendências (1963).

EXPOSIÇÕES:

3.ª, 4.ª, 5.ª, e 6.ª Bienais de São Paulo; 4.º, 6.º, 7.º e 9.º Salões Paulistas de Arte Moderna; 1.ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de São Paulo (1957), 2.ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Ministério da Educação (Rio de Janeiro), Exposição de Arte Moderna do Brasil em Buenos Aires, Rosário, Santiago e Lima (1958); Exposição de Arte Moderna do Brasil na Alemanha, Portugal, França, Itália, Bélgica, Holanda e Japão, Exposição "Konkrete Kunst", no Helmhau de Zurich, Exposição coletiva do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, nas Fóllhas (1961) Exposição individual na Galeria Aremar (Campinas), Exposição no Clube dos Artistas (1963), Exposição Inaugural da Galeria "Novas Tendências" (1963) Coletiva 3 da Galeria "Novas Tendências" (1963). Exposição individual na galeria "Novas Tendências" - 1965.

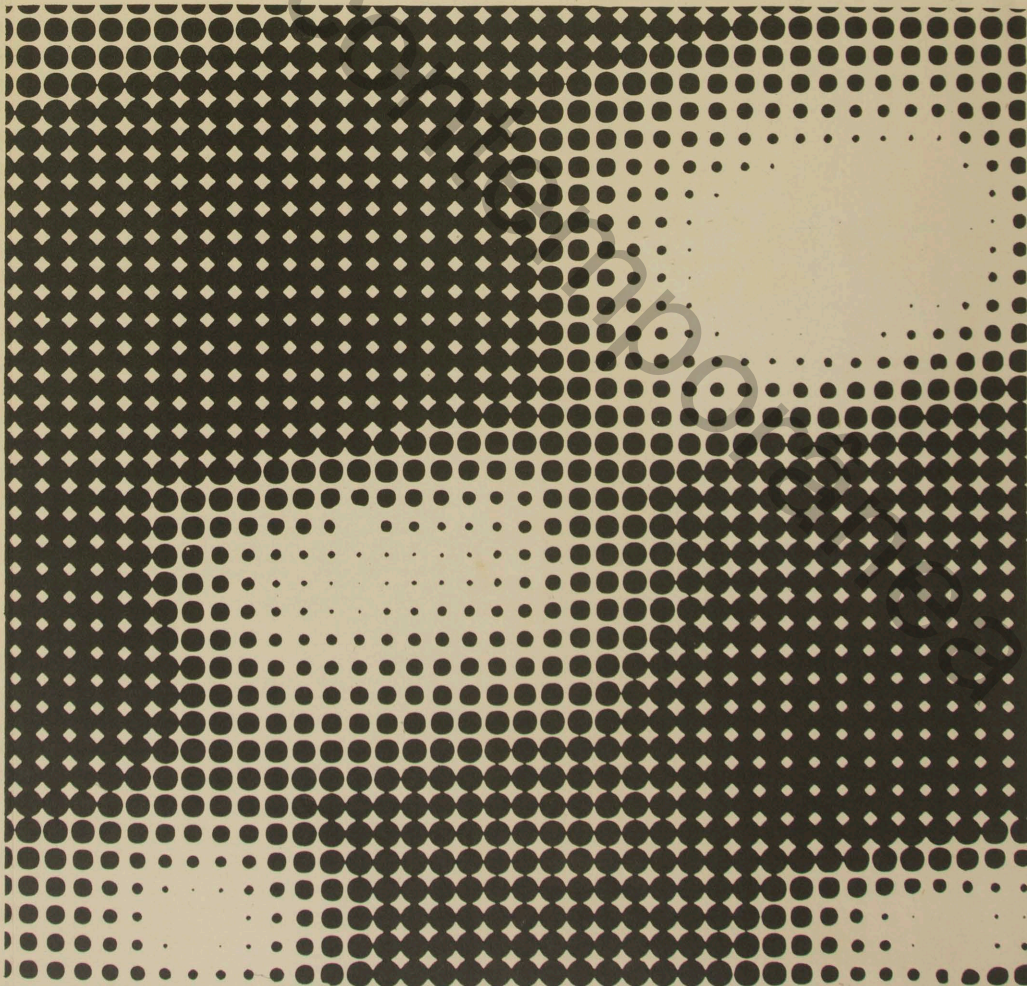
PRÊMIO:

Grande medalha de prata no 4.º Salão Paulista de Arte Moderna.

Obras em coleções particulares.

RELAÇÃO DAS OBRAS

- 1 — Reticula cõr-luz, 1966 — Obra multiplicável 1/10 - Lito-Off-Set - 100 x 70
- 2 — Reticula cõr-luz, 1966 — Obra multiplicável 1/10 - Lito-Off-Set - 100 x 70
- 3 — Reticula cõr-luz, 1966 — Obra multiplicável 1/10 - Lito-Off-Set - 70 x 70
- 4 — Reticula cõr-luz, 1966 — Obra multiplicável 1/10 - Lito-Off-Set - 70 x 70
- 5 — Reticula cõr-luz, 1969 — Obra multiplicável 1/10 - Lito-Off-Set - 70 x 70



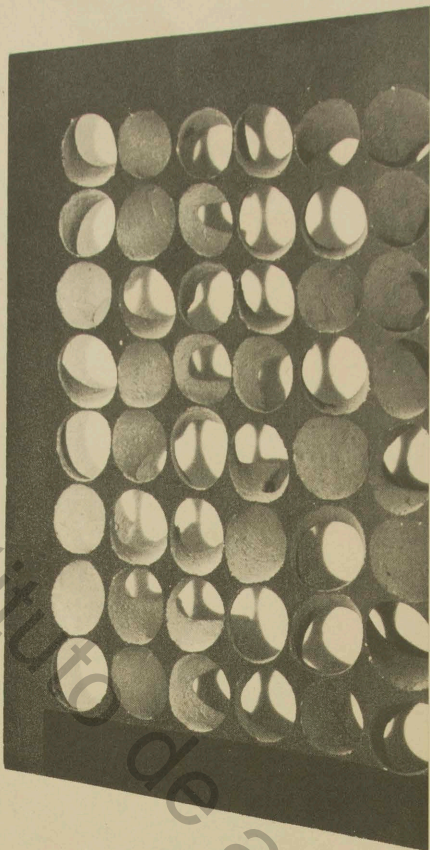
LOTHAR CHAROUX

Lothar Charoux nasceu em Viena. Fixou-se no Brasil em 1928, residindo em S. Paulo.

Estudou no Liceu de Artes e Ofícios de S. Paulo onde lecionou durante alguns semestres. Conheceu Waldemar da Costa com quem estudou. Foi professor de desenho da escola do SENAL.

EXPOSIÇÕES:

Participou de todos os salões do Sindicato dos Artistas Plásticos de S. Paulo, Salão de Belas Artes do Rio (Secção moderna), (em várias oportunidades a partir de 1942). Participou de todas as Bienais de S. Paulo (1951-65). Exposição de arte brasileira em Valparaíso e Santiago (1946), Exposição "19 Pintores" em S. Paulo (1947), Exposição coletiva na Galeria Domus em S. Paulo em benefício do jornal "Artes" (1948), Exposição "Seis novíssimos de S. Paulo" no I. A. B. (Departamento do Rio de Janeiro) (1948) 1.º, 2.º e 3.º salões Bahia nos de Belas Artes em Salvador (1949-51) Exposição Individual no "Anjo Azul", de Salvador (1950), Exposição do grupo "Ruptura", em S. Paulo (1955), 1.ª Exposição Nacional de Arte Concreta, S. Paulo (1956), 2.ª Exposição Nacional de Arte Concreta no Ministério de Educação (Rio de Janeiro) (1957), Exposição Individual - Petite Galerie no Rio de Janeiro (1957), Exposição Coletiva Brasileira no Uruguai, Argentina, Chile e Peru organizada pelo MAM do Rio e Itamarati (1957), Exposição Individual de desenho em Lisboa - Portugal (1957), Fourth Internacional na Galeria das "Folhas" de S. Paulo (junto a Lygia Clark e Franz Weissmann) (1958), Exposição Individual no Ginástico Português no Rio de Janeiro (1958), Exposição de Arte Contemporânea no MAM de S. Paulo (1958), Exposição coletiva na Galeria das "Folhas" em S. Paulo (1959) e Exposição coletiva brasileira em Assunção - Paraguai, organizada pelo MAM de S. Paulo (1959), Exposição coletiva brasileira na



SYLVIA MARA GUELLER

Sylvia Mara Gueller nasceu em São Paulo em 1942, onde reside.

Iniciou seus estudos de desenho e pintura com Luigi Zanotto na Fundação "Armando Alvares Penteado".

EXPOSIÇÕES:

1.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1965)
2.ª Exposição do Jovem Desenho Nacional do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (1965); 8.º Salão de Belas Artes de São Bernardo do Campo (1965), 20.º Salão Municipal de Belo Horizonte (1965).

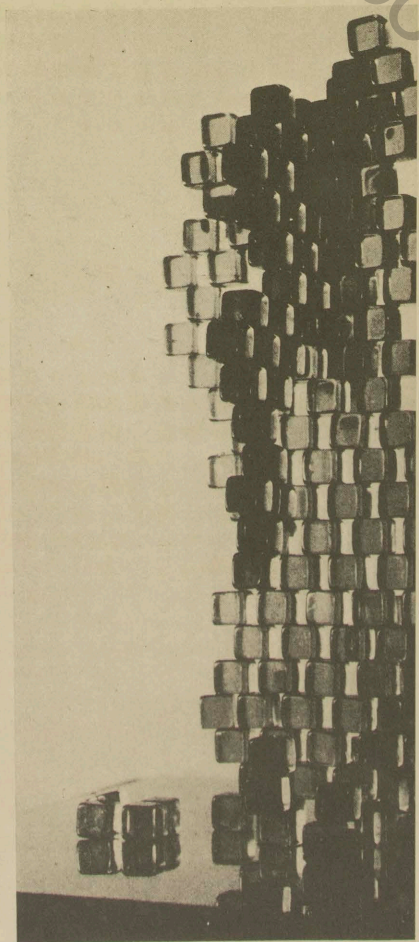
PRÊMIOS:

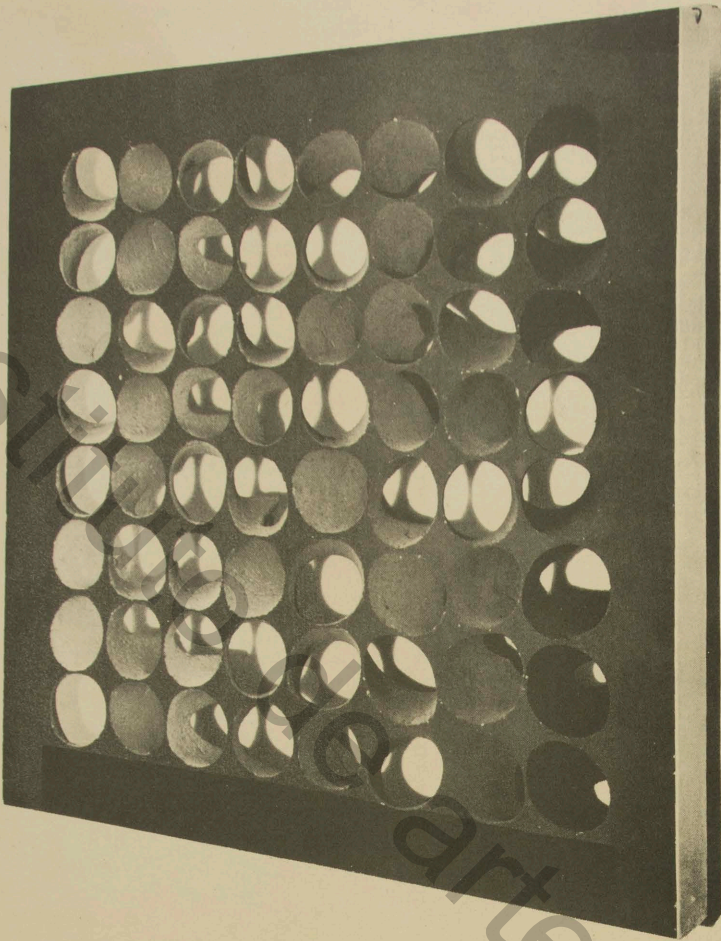
Menção Honrosa no 1.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, Prêmio aquisição para desenho no 20.º Salão Municipal de Belo Horizonte.

Possui obras em coleções de São Paulo, Guanabara e Minas Gerais.

RELAÇÃO DAS OBRAS:

- 1 — Desenho n.º 3, Fev. 1966 — Nanquim e guache
s/ cartão - 52 x 52,2
- 2 — Desenho n.º 4, Mar. 1966 — Nanquim e guache
s/ cartão - 51,9 x 51,7
- 3 — Desenho n.º 6, Mar. 1966 — Nanquim e guache
s/ cartão - 52,2 x 52
- 4 — Desenho n.º 8, Mar 1966 — Nanquim e guache
s/ cartão - 50,1 x 50





HEINZ KÜHN

Heinz Kühn nasceu em Berlim em 1908, onde estudou. Fixou-se no Brasil em 1950, residindo em São Paulo.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

Biblioteca Pública de São Paulo, Museu de Arte Moderna de São Paulo, Galeria de Arte das "Fólias" Casa do Artista Plástico, Galeria Solarium, Galeria "Novas Tendências", Galeria Aremar (Campinas), I. A. B. (Departamento de São Paulo), OCA (Rio de Janeiro) em 1965.

EXPOSIÇÕES COLETIVAS:

Galeria Novas Tendências, I. A. B. (Departamento de S. Paulo), 2.ª, 3.ª e 8.ª Bienais de S. Paulo, Salão Paulista de Arte Moderna, organizou e participou da 1.ª e 2.ª exposições de arte contemporânea da Prefeitura de Terezópolis, Exposição "Pró Arte em Rio Bonito" (Santo Amaro), 18.º Salão Municipal de Belo Horizonte.

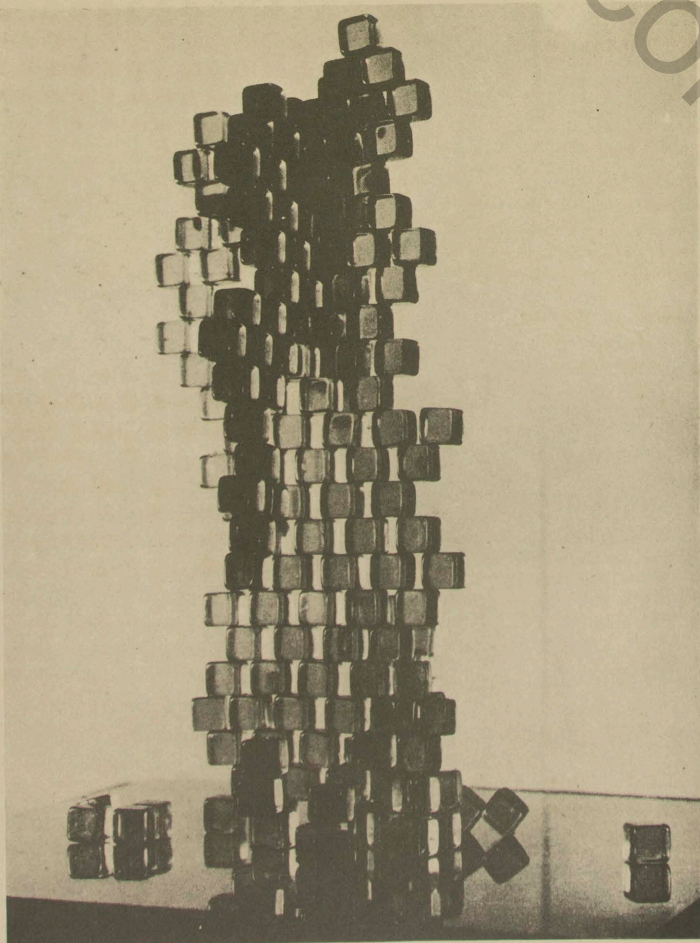
PRÊMIOS:

Prêmios no 2.º, 9.º, 10.º e 14.º Salões Paulista de Arte Moderna, onde obteve a grande medalha de prata, o prêmio-aquisição "Governador do Estado" e a pequena medalha de ouro. Prêmio de viagem a Brasília no 1.º Concurso Nacional de Jóias.

Obras em coleções particulares.

RELAÇÃO DAS OBRAS:

- 1 — Problema do reflexo, 1966 — Tinta plástica s/ Styropor - 100x100
- 2 — Problema do reflexo, 1966 — Tinta plástica s/ Styropor - 100x100
- 3 — Problema do reflexo, 1966 — Tinta plástica s/ Styropor - 100x100
- 4 — Problema do reflexo, 1966 — Tinta plástica s/ Styropor - 50 x 50
- 5 — Problema do reflexo, 1966 — Tinta plástica s/ Styropor - 50 x 50
- 6 — Problema do reflexo, 1966 — Tinta plástica s/ Styropor - 50 x 50
- 7 — Problema do reflexo, 1966 — Tinta plástica s/ Styropor - 50 x 50



KAZMER FEJER

Kazmer Fejer, nasceu em Pecs. (Hungria) em 1922. Fixou-se no Brasil em 1949, residindo em São Paulo.

Cursou a Academia de Belas Artes de Budapest.

Exposição "Cinco Jovens Artistas" em Budapest (1945). Organizou o Art Club de Budapest. Secretário da Galeria dos artistas abstratos de Budapest. Várias exposições de arte abstrata.

Salão "Realités Nouvelles" em Paris (1946).

Exposição no Art Club de Viena (1947).

Exposição no Art Club de Turim. Exposição "Arte Bela" em Montevideo (1948).

Exposição no Art Club de São Paulo (1949). 1.ª Bienal de São Paulo (1951).

Exposição do grupo "Ruptura" no M. A. M. São Paulo (1952)

Exposição Nacional de arte concreta em São Paulo e Rio (1957).

Exposição na Galeria de Arte "Fólias" em São Paulo (1959). Exposição de arte moderna do Brasil, nas principais cidades da Europa, Exposição arte concreta M. A. M. Rio (1960). Exposição Inaugural na Galeria Novas Tendências (1963). Exposição Arte Concreta em Zurich.

Obras em coleções particulares.

RELAÇÃO DAS OBRAS

- 1 - Impacto, 1966 - Acrílico, Polyester - 42x39,4 fun. 43.
- 2 - Impacto, 1966 - Acrílico, Polyester - 42x39,4 fun. 43.
- 3 - Impacto, 1966 - Acrílico, Polyester - 42x39,4 fun. 43.
- 4 - Impacto, 1966 - Acrílico, Polyester - 42x39,4 fun. 43.

ESTE CATÁLOGO É UMA GENTILEZA DE

equipesca - equipamentos de pesca s.a.
 equipesca - rua dr. pinto ferraz 1142 fone 2-1026 cx. postal 132
 campinas - sp

Alemanha, França, Holanda, Austria, Espanha e Portugal organizada pelo MAM do Rio e o Itamarati (1962), Exposição Individual na Galeria Aremar de Campinas (1962), Exposição Itinerante organizada pelo Museu de Arte Contemporânea da Universidade de S. Paulo em Campinas, Marília, Araraquara e Ribeirão Preto (1963), Exposição coletiva na NT - Associação de Arte Visuais Novas Tendências, da qual é um dos fundadores (1963), Leilão de obras em benefício da Campanha da Criança Defeituosa e Leilão de obras em benefício do Hospital Albert Einstein (1964), 1.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas (1965).

PRÊMIOS :

1.º Prêmio e Medalha de Ouro, do 1.º Salão Bahiano de Belas Artes (1949), 1.º Prêmio de Desenho no MAM de S. Paulo (1958), Grande Medalha de Prata do Salão Pautista de Arte Moderna (1964), 1.º Prêmio de Desenho no 1.º Salão de Arte Contemporânea de Campinas.

Obras em coleções particulares.

RELAÇÃO DAS OBRAS

- 1 - Desenho, 1966 - Guache e caseína s/ papel - 100x35
- 2 - Desenho, 1966 - Guache e caseína s/ papel - 100x35
- 3 - Desenho, 1966 - Guache e caseína s/ papel - 100x35
- 4 - Desenho, 1966 - Guache e caseína s/ papel - 100x35
- 5 - Desenho, 1966 - Guache e caseína s/ papel - 100x35
- 6 - Desenho, 1966 - Guache e caseína s/ papel - 35x100
- 7 - Desenho, 1966 - Guache e caseína s/ papel - 35x100

